

Memória, ciência e arte: complexidade e ambivalência

O presente número da revista *Resgate* traz para o leitor um conjunto de artigos que tratam das relações complexas entre memória, ciência e arte. Embora abordando objetos e experiências diversas, os textos que compõem esta edição estabelecem entre si, em determinados momentos, conexões sutis relativas a pressupostos conceituais ou a modos de abordagem dos temas escolhidos. Os trabalhos de Lúcia Santaella e Paula Sibília analisam os efeitos ou desdobramentos ambivalentes da articulação entre memória e tecnociência no mundo contemporâneo. Apoiada no pressuposto de que a linguagem é produzida historicamente por meios e técnicas específicas, Santaella explica de que modo a memória se constitui a partir de uma rede de conexões entre fala, ciência e tecnologia. O homem, diz a autora, está inscrito numa teia de signos e linguagens produzida e reproduzida por ele próprio em condições determinadas. Denominado semiosfera ou noosfera, esse 'reino dos signos' encontra-se em constante expansão, ultrapassando, em certos momentos, os limites do próprio corpo humano. Ao criar técnicas e tecnologias voltadas para a produção e reprodução de imagens e sons, o homem inventou mecanismos e suportes que propiciam a extensão da memória para além dos limites do corpo, dando longevidade a ela, uma vez que a capacidade de armazenamento do cérebro humano é precária e efêmera. O desenvolvimento recente das novas tecnologias de comunicação, apoiadas em suportes digitais, vem impulsionando esse crescimento de for-

ma exponencial. A reprodução maquínica de estruturas cognitivas semelhantes às do cérebro humano permite gerar computadores capazes de processar informações, armazenar bancos de dados e estabelecer redes de memória e sentimentos. A articulação entre revolução tecnológica e globalização produz um novo ecossistema de signos e linguagens com alcance planetário. Ao final do texto, a autora evita, com muita habilidade, posicionamentos estanques ou unilaterais diante desse contexto.

O texto de Paula Sibília também enfoca a relação entre memória e ciência, mas de outro ângulo. A autora analisa o advento de técnicas e medicamentos produzidos pela neurociência capazes de gerenciar lembranças e esquecimentos. O impacto de tais procedimentos pode produzir efeitos imprevisíveis sobre a subjetividade. Se a memória é, de acordo com a acepção moderna de sujeito, um elemento constitutivo da consciência individual e, portanto, da identidade pessoal, a administração da memória a partir do emprego de medicamentos poderá levar à ruptura com esse paradigma. A tecnologia poderá interferir nos mecanismos de fixação e reconfiguração das lembranças, permitindo que as pessoas escolham recordações agradáveis a serem preservadas, ou no esquecimento de certas experiências incômodas, geradores de angústia e ansiedade. Os textos de Márcia Fantinatti, Maria Isabel Leite e Cintia Campolina de Onofre abordam temas muitos distintos, mas mesmo assim é possível reconhecer afinidades entre eles. De certo modo, o que os aproxima é o

fato de que as autoras procuram verificar de que modo ações racionais de agentes ligados a determinadas instituições culturais produzem efeitos no plano da recepção por parte do público. Fantinatti, ao estudar a produção discursiva da Rede Globo de Televisão em coberturas de eventos políticos que marcaram o processo de redemocratização do Brasil, revela inúmeros procedimentos de agentes da emissora destinados a fragmentar, obscurecer ou omitir aspectos relativos aos acontecimentos. Tais ações implicaram na atribuição de determinados sentidos ao processo político daquele período, o que refletia posições claramente governistas da empresa, para não dizer ideológicas. A pesquisadora Maria Isabel Leite observa em seu texto o funcionamento do *V & A Museum of Childhood* (Museu da Infância de Londres), mostrando que tanto a organização espacial como a seleção e a disposição de objetos, obras e coleções revelam preocupações da instituição com a inclusão, a acessibilidade e a eficácia dos processos educativos. Cíntia Campolina de Onofre, ao analisar as trilhas sonoras de filmes produzidos pela Companhia Vera Cruz nos anos de 1950 no Brasil, demonstra em que medida a música no cinema se articula à linguagem fílmica, tornando-se elemento constitutivo de uma narrativa específica, o audiovisual. Desse modo, ela deixa de ser percebida enquanto linguagem autônoma.

Por fim, os artigos de Gabriel Rezende e Yara Reis abordam questões ligadas à relação entre razão, ciência e arte. Embora por caminhos distintos, esses trabalhos nos permitem compreender de que forma a articulação entre esses três elementos pode se constituir na base de ordens simbólicas que, muitas vezes, são instrumentalizadas no exercício do poder. Apoiado na tese de Max Weber sobre a racionalização da música,

Gabriel Rezende demonstra que a notação musical, um dos aspectos centrais desse processo, implicou em rupturas com a oralidade e as narrativas tradicionais. Em determinados momentos, a adoção dessa prática se constituiu em formas sutis de dominação.

A arquiteta Yara Reis, a partir de pesquisa sobre a produção arquitetônica e urbanística em Belém do Pará da segunda metade do século XVIII, período que corresponde à administração de Marquês de Pombal, demonstra que o empreendimento colonizador da época refletia a existência de um planejamento urbano associado à política de controle e dominação. Trata-se de uma prática de base científica e orientada por objetivos estratégicos, o que se revela, em certos aspectos, na atuação de engenheiros militares que contribuíram para a definição de projetos urbanísticos. Ao mesmo tempo, traços de uma arquitetura monumental são marcantes em construções residenciais da época, sendo que algumas dessas edificações apresentavam comunicação com igrejas e capelas, criando intersecções entre espaços domésticos e religiosos. Talvez isso reflita um dos aspectos da dominação tradicionalista no Brasil, isto é, a promiscuidade entre público e privado.

Os textos (conferências e artigos) que compõem este número da revista *Resgate* são parte das reflexões apresentadas durante o V Seminário "Memória, Ciência e Arte: Razão e Sensibilidade na Produção do Conhecimento", promovido em 2007 pelo CMU em parceria com a Faculdade de Educação da Unicamp. Uma primeira mostra desse material integra a *Resgate* que antecede a presente edição.

José Roberto Zan
Diretor do C.R.U.-Unicamp